

Uma selfie para Jeff Bezos

Rosângela Gaze - Médica sanitária e Docente IESC/UFRJ

O maior bilionário da atualidade é Jeff Bezos ([veja](#)), proprietário e CEO [*Chief Executive Officer* ou Diretor Executivo da Empresa], ou seja, responsável pelas políticas de gestão das atividades dos ‘colaboradores’ [designação hipócrita dos trabalhadores no neoliberalismo] na cadeia global de encomendas da gigante transnacional de origem americana Amazon. Com patrimônio líquido aproximando-se da casa do trilhão, é possível que, com o crescimento deste setor produtivo, decorrente do isolamento social exigido pela pandemia, Bezos em breve ascenda no *ranking* de primeiro trilionário do planeta.

Ao lado de sua fortuna, os sem vinténs, e muito mais de cem, ‘colaboradores’ adoecem e morrem de Covid-19 na ‘logística’ Amazon em diversos países ([EUA](#), [Itália](#), [Espanha](#), [França](#)) cujo dono prevê, como um de seus lacaios – o governo brasileiro – que o ‘surto’ iria “piorar antes de melhorar”.

Enquanto a [Organização Internacional do Trabalho](#) (18/05/2020) editava nota informativa orientando o setor de entrega de alimentos que “Para garantir um número suficiente de trabalhadores [...], eles precisam de treinamento e acesso a equipamentos de proteção individual e protocolos de higiene, além de oferecer salários adequados e acesso à proteção social, incluindo licença médica remunerada”, a Amazon investia no mercado de refeições on-line na Índia ([veja](#)).

Além da [visita aos armazéns](#) e *selfies*, Jeff Bezos atrai ‘colaboradores’ aumentando o valor da hora trabalhada (2 dólares nos EUA, 2 libras no Reino Unido e 2 euros na União Europeia), mas destacando que o ‘incentivo’ “custará US\$ 350 milhões” ([veja](#)). A julgar pela constante ‘2’, no Brasil, o acréscimo mensal de 1600 reais – em troca da própria vida ou de familiares – oferece uma ideia da precarização do trabalho a que estamos expostos.

De um lado ocorreram protestos e paralisações dos trabalhadores norteamericanos da Amazon acerca da falta de condições, em parte decorrentes do ritmo de entregas para o cumprimento de metas, em parte pela falta de EPIs em quantidade suficiente. Do outro lado, como de hábito, a empresa mantém o discurso hipócrita de garantia de condições dignas de trabalho ([veja](#)). Desta feita, nem a ficção (“Você não estava aqui”, Ken Loach, 2019) imaginou o genocídio de trabalhadores perpetrado pela ganância do capital que permanece “invisível para os órgãos públicos e os poderes

estabelecidos” ([Renato Mariano, 03/03/2020](#)). Com raras exceções, dignas de serem apropriadas em maior escala pelo Ministério Público do Trabalho brasileiro...

Em 12/05/2020, treze “procuradores-gerais” americanos solicitaram à Amazon dados de casos e mortes por Covid-19 em sua força de trabalho, comprovação de cumprimento da legislação de afastamento médico remunerado e garantia de não retaliação de funcionários por violarem protocolos internos de ‘silenciamento’ acerca das condições inseguras de trabalho ([veja](#)).

Os 'invisíveis', como assinalado, nesta pandemia não são apenas os vendedores ambulantes 'informais' nas calçadas urbanas. As redes de armazéns e entregas *just-in-time* forjam invisíveis (e informais) nos 'colaboradores' destituídos de direitos pela precarização estrutural do trabalho, gestão pelo desemprego e pelo assédio, que garantem o abastecimento de produtos essenciais (e supérfluos, inclusive [brinquedos](#) de corar uma certa goiabeira). Massas de trabalhadores iludidas pelo neoliberalismo a vender, sem contrato, sua força de trabalho estão se contagiando, sem direito efetivo à 'proteção' do distanciamento social, álcool-gel e máscaras. Essas *holdings* milionárias, com as quais todos somos forçados a contribuir para mais enriquecê-las, alegam que estes itens de segurança no trabalho são por conta do 'colaborador' pagos em diárias de cerca de 100 reais. Com metas escorchantes, e multados pelo não cumprimento de prazos, ‘consideram’ supérfluo lavar as mãos em pias distantes, usar álcool-gel com frequência, colocar e trocar as máscaras corretamente e garantir distanciamento social de 2 metros nos horários de pico nos armazéns. Essencial é garantir as refeições e a escola de seus filhos.

Lastimável é saber que essencial, para Jeff Bezos e seus amigos, são as cotações na bolsa de valores. Hipocritamente, confiam que uma *selfie* e umas migalhas doadas mascaram a contagiosidade perversa de seus lucros. Lastimável é testemunhar o avanço do Covid-19 nas rotas das cadeias produtivas sem vislumbrar resposta dos poderes constituídos. ●●●